

# A democracia como solução

por Walter Clemente  
de São Paulo

A crise mundial pode ser severa com o Brasil, mas os caminhos da democracia continuam oferecendo segurança para a passagem dos problemas econômicos. O pior seria qualquer alteração de rota. Os empresários eleitos como líderes pelos dirigentes das empresas brasileiras, em eleição direta promovida pela revista *Balanço Anual*, da *Gazeta Mercantil*, estão convencidos de que a discussão aberta das questões econômicas e administrativas apenas facilita a descoberta de soluções, além de avalizar a maturidade das instituições brasileiras perante os credores.

"E graças ao atual projeto político de abertura e às eleições que podemos enfrentar a crise", diz Olavo Egydio Setúbal, do Banco Itaú, o terceiro mais votado. "Se não tivéssemos as eleições, as tensões sociais estariam certamente dificultando mais a gerência das contas."

"Não posso nem imaginar um retrocesso político", acrescenta Setúbal. "Esses cinquenta dias são econômica e politicamente gravíssimos para o País, pela sua importância enorme."

Neste ano os líderes empresariais não apresentaram um documento, mas Antônio Ermírio de Moraes, do grupo Votorantim, o mais votado, lembra, em seu discurso, que as eleições gerais de 15 de novembro dispensavam um pronunciamento solene. A fei-

vindicação básica dos empresários durante os seis anos de consultas promovidas por *Balanço Anual* sempre foi pela participação da iniciativa privada nas decisões de interesse nacional. "Em 1977 era difícil falar em democracia, mas nós pregávamos eleições diretas", diz Cláudio Bardella, da Bardella, quarto colocado. "O ponto principal são as eleições."

## PMDB

Os empresários que participaram de entrevista, ontem, no almoço de lançamento de *Balanço Anual 82* aprovaram por consenso o processo de redemocratização, embora revelassem preferências partidárias diversas. Todos se identificam como liberais, defensores do capitalismo e da economia de mercado, sempre contra os radicalismos, e votam ou no Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) — três votos declarados, entre os seis — ou no Partido Democrático Social (PDS) — dois votos.

Olavo Setúbal é o mais enfático na sua declaração de voto. Desde que o Partido Popular (PP) que ajudou a fundar teve sua vida política encerrada, o empresário afastou-se da militância, mas manteve apoio aos antigos correligionários que, como diz, passaram em sua maior parte para o PMDB: "Todos sabem que para governador de São Paulo votarei em Franco Montoro", diz. Antônio Ermírio de Moraes, um tanto constrangido pela pergunta direta sobre sua decisão de voto, é mais reticente: "Não voto em ex-

tremos e em ninguém comprometido com os últimos governos que passaram por São Paulo. Vocês sabem em quem eu vou votar?"

Laerte Setúbal Filho, da Duratex, o sexto empresário mais votado, é simplesmente objetivo quando afirma que quer mudanças através de um voto útil — usando dois lemas da campanha eleitoral do PMDB. "Quero mudar, quero que meu voto seja útil."

Jorge Gerdau Johannpeter, do grupo Gerdau, o décimo colocado, defende o fortalecimento dos partidos políticos por meio de uma abertura política mais ampla. Vota no PDS.

## PDS

Abílio dos Santos Diniz.

do Pão de Açúcar, quinto colocado, não revela seu voto. Prefere testemunhar sua convicção no capitalismo e nas forças da economia de mercado: "Não sou capitalista por acaso, porque tenho capital, mas por convicção". Diniz apóia a alternância de partidos políticos no poder, jamais a mudança de regime. "Podemos ser governados pelo PMDB ou pelo PDS", diz. "Sou contra o PT porque prega o socialismo, que implica mudança do regime." Bardella também deixou de mostrar seu candidato, embora admitindo simpatia ao extinto PP, "que seria o nosso partido", uma opção para os empresários: Os empresários partici-

param ativamente do processo de abertura, segundo Cláudio Bardella, "falando em eleições pela primeira vez ainda em 1977". Considerando uma incoerência cobrar voto dos empresários, define: "O importante é a vida política que vive-mos".

A falta do Partido Popular — sentida principalmente por Olavo Setúbal e Cláudio Bardella — poderia ser sanada apenas depois das eleições, quando a continuidade do processo de abertura permitiria a articulação de novos partidos. Antecipadamente, Setúbal revela-se o articulador de uma agremiação de centro, condizente com as aspirações da classe empresarial.